

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## A NECESSIDADE DO DIZER

Gisele Amaral  
Universidade Federal da Paraíba

Numa narrativa épica, sobretudo na primeira parte do seu poema *Da natureza*, Parmênides descreve o arrebatamento de um jovem mortal sendo conduzido por um caminho que ele parece não ser capaz de atravessar sozinho. No *Poema*, esse caminho é um caminho de muitas vozes, de muitos dizeres (*polúphemon*) e o jovem é conduzido tão longe quanto seu fôlego basta (*thumòs hikánoi*). O cortejo do carro que o carrega é composto por cavalos sensatos (*polúphrastoi*) e, além disso, conta ainda com a companhia das jovens helíadas, que indicam o caminho que ele precisa atravessar para deixar a morada da noite e alcançar a iluminação divina. Para tanto, porém, é necessário cruzar o portal de poderosos batentes das veredas que separam Noite e Dia. Na vigília desse portal, encontra-se a Justiça (*díke*), que detém a chave de seu ferrolho. O jovem se sente elevado ao reino da luz, para além das coisas terrenas. A austeridade da Justiça não pode, porém, ser rudemente ultrapassada, por isso cabe às jovens helíadas persuadi-la a descerrar o ferrolho. A Justiça, nesta passagem, juntamente com a Equidade, na passagem seguinte, têm um papel fundamental no encaminhamento da verdade no *Poema*. Ambas representam o ponto de equilíbrio no qual se encontram e articulam as leis de ser e de pensar. Os mortais vivem na vigência do desequilíbrio que caracteriza sua permanência no mundo. Por isso, sua morada é representada no *Poema* pelas veredas noturnas da multiplicidade, do movimento, da indeterminação, da negação. A Justiça, em sua posição guardiã do portal que separa Noite e Dia, detém o acesso à morada divina, na qual se encontra o equilíbrio silencioso e inquebrantável da verdade. A Justiça não pode sequer ouvir a fala do mortal, pois sua fala é sujada pela confusão intrínseca à sua própria natureza. Nem mesmo as helíadas ousam falar de outro modo que não seja mansamente, como

se qualquer fala pudesse agredir a imparcialidade da Justiça. Assim, Parmênides usa o adjetivo *malakós* para qualificar a fala das jovens: “as jovens helíadas, com doces palavras... (*koûrai malakoîsi lógoisin*)” (I,15) falam de modo suave e complacente – a rigor, as helíadas sussurram nos ouvidos da Justiça, que abre a passagem decisiva do cortejo rumo ao encontro com a Deusa.

A Deusa acolhe de bom coração o jovem, dizendo o *épos* (*épos pháto*): “Jovem, companheiro de cocheiros imortais, que te trazem com cavalos, chega à nossa morada. Bem-vindo! Pois de modo algum um destino funesto (*moîra kaké*) te envia a percorrer este caminho [...], mas Eqüidade e Justiça”(I,22).

A entrada na morada da Deusa leva necessariamente o mortal a experimentar tudo: tanto o coração intrépido da verdade bem redonda (*aletheíes eukukléos*), como as aparências dos mortais, para os quais não há nenhuma verdade confiável, e lhe ensina que é necessário que as aparências sejam aprendidas como aparências. Para alcançar a divina verdade, é preciso elevar o espírito (*noûs*) por sobre o mundo no qual vivem os mortais. Eles crêem no mundo, na realidade do mundo. Porém, o que a Deusa ensina ao jovem é o que é verdadeiramente aquilo no que eles crêem, a saber, que o aparente no mundo não é senão passageiro, porque nele o pretense ser das coisas mundanas não faz senão enganá-los. Por isso, a verdade para a qual o jovem é conduzido não é uma verdade mundana, portanto, não é uma verdade particular, nem contingente, mas a verdade todo-poderosa (*pankratés*), que se pode dizer universal; pois não sendo de uns, mais do que de outros, ela vale por si mesma eterna e incondicionalmente.

De um lado, a verdade poderosa; de outro, as opiniões dos mortais. A verdade de ser é apresentada por Parmênides a partir e como provocação do pensar. O dualismo que constitui os diferentes caminhos cogitados por Parmênides em seu *Poema* revela uma ambigüidade decorrente da relação dos mortais com o mundo que os acolhe. A afirmação do real e a aprovação da realidade são apreendidas como realidade que pertence ao âmbito de ser, conseqüentemente ao âmbito da verdade; ainda que se possa e se deva dizer ser de diferentes modos. O caminho de muitas vozes, que o próêmio anuncia, sugere que é no dizer da linguagem que a verdade de ser se mostra aos mortais. Desse modo, a distinção entre a verdade confiável e a aparente verdade das coisas mundanas prepara o jovem para o segundo Fragmento do *Poema*, no qual não mais será permitida a confusão entre ser e não-ser, pois só um caminho é possível: o caminho de ser. A Deusa pede que o jovem guarde o mito ouvido (*kómisai mûthon akoúsas*) e anuncia a vereda do não-ser como imperscrutável e insondável,

por conseguinte como aquilo que não pode ser trazido à fala (*oúte phrásais*). Não-ser é um não-caminho, é a ausência de qualquer caminho.

A realidade da verdade significa a verdade de ser na realidade de tudo o que é; ser é, portanto, afirmativo. Se se procura negar uma realidade e, desse modo, negar ser, aniquila-se então a positividade de ser e não se faz pronúncia alguma. Neste sentido, poderíamos dizer que não há pronúncia negativa. Uma pronúncia negativa seria tão somente pronúncia nenhuma. Mas não se trata de uma escolha entre a afirmação incondicional e a negação radical, pois se ser constitui o todo de tudo o que é, logo não há possibilidade de escolha. Somente o que é pode ser afirmado e toda afirmação tem de ser incondicional, pois do contrário teríamos de aceitar a possibilidade de uma meia-afirmação; o que para Parmênides seria inadmissível.

A unidade, totalidade e continuidade ininterrupta de ser valem tanto na dimensão do tempo, quanto na dimensão do espaço. Sua intensidade é independente do lugar, nem mais forte, nem mais fraca, e o seu limite é determinado pela perfeição de sua circularidade. O ser é em si equilibrado e perfeito, por isso a dinâmica do pensar se identifica com a dinâmica de ser. Da unidade e totalidade de ser resulta que ser e pensar não são duas coisas, mas uma e a mesma coisa. É o que nos diz Parmênides através do contundente *Fragmento 3* do seu *Poema*: “... pois o mesmo é pensar e ser”.

Como explicar a necessidade de pensar e de dizer o que é?

A verdade de Parmênides é o resultado de uma especulação audaciosa. “É necessário dizer e pensar o que é, pois ser é, nada, porém, não é” (II,4). Se, como dissemos anteriormente, para ser não é possível escolha, por outro lado, para trilhar o caminho de ser, sim; e a decisão pelo caminho de ser depende sempre do pensar. Segundo Parmênides, não é possível reconhecer a irrealidade do mundo no qual vivemos. Porém, não se deve acreditar na experiência cotidiana e nem tampouco no testemunho do sentido que reflete para os mortais o mundo da multiplicidade e da mudança. Aqueles que vivem na indistinção entre ser e não-ser nada sabem. Por isso, para Parmênides, todo saber é sempre saber de ser. É preciso desviar-se de uma pretensa busca pelo não-ser. Essa busca é originada pelo erro decorrente da gênese e da construção do mundo aparente. Nele, os mortais são arrastados como multidão sem juízo, como “surdos e cegos, assombrados” (VI,7), diz Parmênides, para os quais ser e não-ser são considerados o mesmo. O conhecimento da verdade no mundo não pode ter origem no que Parmênides chama de “costume experiente” (*éthos polúpeiron*), embora seja esse o saber predominante para os mortais. Em sua errância, eles nomeiam suas impressões apenas pelo

que acreditam ser e se enganam acerca da verdade de ser. A Deusa reconhece que a força dos costumes desorienta os sentidos dos mortais, por isso é com a capacidade integradora do *lógos* que o jovem deve desviar-se dos descaminhos e, para tanto, adverte-o: “avalie através do *lógos* esse argumento conflitante” (VII,5).

Para Parmênides, é necessário explicar e superar o mundo dos erros e das ilusões, combatendo a presunção de todo conhecimento fundado na aparência, pois o mundo da aparência é um mundo enganador. Pensar apoiado no fundamento da verdade de ser desmente o caminho da aparência e dá lugar na fala ao que é íntegro, imutável, incorruptível, indivisível, imóvel, não-gerado, inabalável, sempre o mesmo, em suma, permanente. E isso é ser. Ao dirigir-se apenas para a constituição de ser, pensar coincide com ser. Mas a desconfiança da experiência dos mortais no mundo é a provocação de pensar que a Deusa lança sobre o jovem, por isso é tão necessário que ele seja capaz de reconhecer o que é aparente como meramente aparente e, para tanto, ele deve aprender o ordenamento inventivo (*kósmos apatelón*) de suas palavras. A verdade do discurso depende da relação entre pensar e dizer isto que só ser é. Neste sentido, deve ser eliminada qualquer consideração tanto acerca do que não é, quanto acerca do vir-a-ser, pois o vir-a-ser exprimiria uma condição de ainda não ser ser, uma hipótese também descartada no *Poema*.

Mas, se só o que há é ser, se ser é sempre na totalidade de tudo o que é, como se dá a determinação de seu limite, já que no Fragmento 8 Parmênides afirma que ser é ilimitado?

Por um lado, a Justiça (*díke*) é quem regula no *Poema* a distinção entre o caminho da verdade e o caminho da aparência, por outro lado, é a Necessidade (*anánke*) que irá assegurar os limites de ser circunscritos na circularidade da *sphera intelligibilis*. O vigor da lição da Deusa deriva da necessidade de pensar e o limite de ser significa a impossibilidade de sua dissolução. A dinâmica de ser conquistada através do pensamento é a grande novidade que caracteriza a filosofia de Parmênides e essa é sua lei. Só o pensamento pode guiar os mortais no caminho da certeza infalível, isto é, no caminho da verdade. Ser é ilimitado na circunscrição de sua própria perfeição.

Na linguagem de seu tempo, Parmênides encontrou o verbo ser utilizado em três sentidos: no sentido de cópula, no sentido de existir e no sentido de ser possível, na forma do infinitivo. Mas optou por uma pronúncia de ser que, no *Poema*, é impessoal; o ser de Parmênides não só não tem sujeito, como seus atributos escapam ao convencional da língua grega até então. Suas proposições estão repletas de uma força constitutiva da verdadeira realidade de todas as coisas. Ao assegurar as condições de possibilidade para o conhecimento

da realidade de ser, Parmênides ousou compreender a visão e a escuta de uma realidade inaugural para os mortais e, desse modo, tornou-se a maior inspiração para a filosofia na Antigüidade.

A natureza metafísica da filosofia do ser de Parmênides foi conhecida a partir do que restou do seu poema épico *Peri phúseos*. Nele, Parmênides utilizou recursos e possibilidades de transmissão da língua grega para deixar aparecer a vinculação inextricável entre *noeîn* e *eînai*, portanto, a vinculação entre *pensar* e *ser*, pois, ao advir, ser advém como e através da linguagem, que para o grego de seu tempo era entendida como *lógos*. Na ontologia de Parmênides, *lógos* é o acontecer de ser. Por isso, ele não hesita ao afirmar que ser é e não pode não ser. Se somente ser é, não-ser corresponde ao inominável para o que é impensável e, por conseguinte, para o que é inefável. Diferentemente de não-ser, ser é o que pode ser pensado, por conseguinte, o que pode ser dito. Para os mortais, cuja vigência de ser se dá sempre como aparecer, o dizer do ser é sempre múltiplo e é justamente essa multiplicidade que o *Poema* pretende dirigir. A necessidade do dizer a que Parmênides nos remete é tão somente aquela que é capaz de dizer a unidade do aparecer em toda a sua dinâmica de ser, e isto é pensar.